

ELLE KENNEDY E SARINA BOWEN

Ele
QUANDO
RYAN
CONHECEU
JAMES

Tradução
LÍGIA AZEVEDO

pa — ra — e — a

Copyright © 2015 by Elle Kennedy e Sarina Bowen

Tradução publicada mediante acordo com Taryn Fagerness Agency
e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafiá atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Him

CAPA E FOTO DE CAPA Paulo Cabral

PREPARAÇÃO Antonio Castro

REVISÃO Adriana Bairrada e Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kennedy, Elle

Ele : quando Ryan conheceu James / Elle Kennedy, Sabrina Bownen ; tradução Lígia Azavedo. — 1^a ed. — São Paulo : Paralela, 2018.

Título original: Him.

ISBN 978-85-8439-120-2

1. Ficção erótica 2/ Homens gays – Ficção I. Bownen, Sabrina. II. Título.

18-16158

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura em inglês 813

Maria Paula C. Riyuzo – Bibliotecária – CRB-8/7639

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoeditor@editoraparalela.com.br

facebook.com/editoraparalela

instagram.com/editoraparalela

twitter.com/editoraparalela

1

WES

Abril

A fila do café está um pouco longa, mas sei que não vou me atrasar. Tem semanas em que as coisas simplesmente dão certo.

No fim de semana, meu time de hóquei universitário venceu as duas primeiras partidas dos play-offs, e agora vamos para as semifinais. De alguma maneira tirei sete em um trabalho de história que escrevi num estado de coma induzido pelo cansaço. E meu sexto sentido me diz que o cara na minha frente não vai pedir nada muito complicado. Posso dizer por suas roupas que ele não é muito imaginativo.

Está tudo dando certo para mim. Estou numa boa. O gelo está liso e as lâminas dos patins estão afiadas.

A fila avança e chega a vez do Sem Graça de pedir. “Um café preto. Pequeno.”

Viu?

Um minuto depois é a minha vez, mas quando abro a boca para falar, a jovem barista dá um gritinho de fã. “Ai, meu Deus! Ryan Wesley! Parabéns!”

Eu não sei quem ela é. Mas a jaqueta que estou usando faz de mim um rockstar, pelo menos esta semana. “Valeu, linda. Me vê um expresso duplo?”

“É pra já!” Ela grita meu pedido para a colega, acrescentando: “E capricha! Temos um campeonato pra ganhar!”. E adivinha só: ela recusa minha nota de cinco dólares.

Eu a coloco no pote de gorjetas, então me arrasto para fora e me dirijo ao rinque.

Estou com um humor maravilhoso quando entro na sala de projeção das incríveis instalações do time, no campus da Northern Mass. Adoro hóquei. Porra, como amo! Vou me tornar profissional em poucos meses e mal posso esperar.

“Senhoras”, cumprimento meus colegas de time enquanto me dirijo ao meu lugar de sempre. As cadeiras estão dispostas em semicírculo, viradas para o enorme telão na frente da sala. São de couro acolchoado. Pois é, o melhor do luxo da primeira divisão.

Olho para Landon, um dos calouros. “Você tá meio verde, cara.” Dou um sorriso. “Sua barriguinha ainda tá doendo?”

Ele me mostra o dedo do meio, mas sem muita vontade. Parece mal pra caramba, o que não me surpreende. Da última vez que o vi, estava bebendo uísque de um jeito que parecia querer fazer a garrafa gozar.

“Cara, você tinha que ter visto ele quando a gente estava voltando pra casa”, um aluno do segundo ano chamado Donovan diz. “Só de cuequinha, encoxando a estátua na frente da biblioteca.”

Todo mundo em volta começa a rir, incluindo eu — porque, a menos que esteja errado, a estátua em questão é um cavalo de bronze. Eu o chamo de Seabiscuit, mas acho que é só uma homenagem a algum ex-aluno cheio da grana que chegou à equipe olímpica de hipismo uma centena de anos atrás.

“Você tentou montar o Seabiscuit?”, pergunto para o calouro, sorrindo. O rosto dele fica vermelho. “Não”, ele diz, sério.

“Sim”, Donovan corrige.

A barulheira continua, mas agora estou distraído pelo sorriso disparado na *minha* direção, cortesia de Shawn Cassel.

Acho que dá para dizer que ele é meu melhor amigo. De todos os caras do time, é aquele de quem sou mais próximo, e a gente até faz coisas juntos fora do hóquei, mas “melhor amigo” não é um termo que costumo usar. Tenho amigos. Uma porrada de amigos, na verdade. Posso dizer honestamente que algum deles me conhece de verdade? Muito provável que não. Mas Cassel chega bem perto disso.

Reviro os olhos. “Que foi?”

Ele dá de ombros. “Landon não foi o único que se divertiu ontem à noite.” Cassel baixou a voz, mas nem precisava. O pessoal está ocupa-

do demais tirando sarro de Landon por causa das brincadeirinhas com o cavalo.

“O que você tá querendo dizer?”

A boca dele se contorce. “Vi você desaparecer com aquele idiota. Você ainda não tinham voltado quando a Em me arrastou para casa às duas da manhã.”

Levanto uma sobrancelha. “E qual é o problema?”

“Nenhum. Só não sabia que você estava convertendo héteros agora.”

Cassel é o único cara do time que sabe da minha vida sexual. Já que sou o único jogador de hóquei gay que conheço, tento ser discreto. Quer dizer, se alguém tocar no assunto, não vou correr para o armário, mas também não vou ficar falando sem motivo.

A verdade é que minha orientação sexual deve ser o segredo mais mal guardado do time. Os caras sabem. O técnico sabe. Eles só não se importam.

Cassel se importa, mas de um jeito diferente. Ele está pouco se fodenndo se gosto de transar com outros homens. Mas o cara se importa *comigo*. Me disse mais de uma vez que acha que estou desperdiçando a minha vida passando de um encontro anônimo para outro.

“Quem disse que ele é hétero?”, pergunto, brincando.

Cassel parece intrigado. “Sério?”

Levanto uma sobrancelha de novo, o que o faz rir.

A verdade é que eu duvido que o cara da fraternidade com quem fiquei ontem seja gay. No máximo bi, e não vou mentir: foi isso que me atraiu. É mais fácil ficar com aqueles que vão fingir que você não existe na manhã seguinte. Uma noite de diversão sem compromisso, uma chupada, uma trepada, o que quer que a bebida permita que experimentem, e então eles desaparecem. Agem como se não tivessem passado horas sonhando com minhas tatuagens e minha boca no pau deles. Como se não tivessem passado suas mãos ávidas pelo meu corpo inteiro e implorado para eu tocar o deles.

Sair com caras gays é bem mais complicado. Eles podem querer mais. Compromisso. Promessas que não sou capaz de cumprir.

“Calma aí”, digo quando me dou conta do que ele acabou de falar. “Como assim a Em arrastou você pra casa?”

Cassel aperta a mandíbula. “Exatamente isso. Ela apareceu na festa e me arrastou.” Seu rosto relaxa um pouco. “Mas só estava preocupada

comigo. Meu telefone ficou sem bateria, então não respondi a nenhuma das mensagens dela.”

“Não digo nada. Desisti de tentar fazer Cassel cair na real quanto a essa garota.

“Eu teria ficado mal pra caramba se ela não tivesse aparecido. Então... é, acho que foi legal da parte dela ter vindo antes disso.”

Mordo a língua. Não, não vou me envolver no relacionamento do cara. Só porque Emily é a mina mais pegajosa, possessiva e *doida* que já conheci, não tenho o direito de interferir.

“Além disso, sei o que ela acha de eu sair sozinho. Nem devia ter ido...”

“Você não é casado, porra”, deixo escapar.

Merda. Isso porque eu ia ficar de bico calado.

Cassel parece aflito.

Volto atrás depressa. “Desculpa. Ah, esquece que eu disse isso.”

Ele suga as bochechas, seus maxilares se apertando como se estivesse triturando os molares. “Não, você tá certo. Que merda. Não sou casado.” Ele murmura alguma coisa que eu não consigo entender.

“Quê?”

“Ainda não, eu disse.”

“Ainda não?”, repito, horrorizado. “Porra, cara, por favor, *por favor* fala que você não ficou noivo dela.”

“Não”, ele responde rápido. Então baixa a voz de novo. “Mas ela sempre diz que quer que eu faça o pedido.”

Pedido? Isso me deixa arrepiado. Merda, vou ser padrinho do casamento deles. Tenho certeza.

Será que dá para fazer um brinde sem mencionar a noiva?

Por sorte, o treinador O’Connor entra na sala antes que essa conversa maluca faça minha mente girar ainda mais rápido.

Todo mundo fica em silêncio. O treinador é... autoritário. Esquece. *Assustador* é melhor. Tem quase dois metros, está o tempo todo com a testa franzida e sempre raspa a cabeça — não porque esteja ficando careca, mas porque isso o deixa ainda mais amedrontador.

Ele começa nos lembrando — um a um — do que fizemos de errado no último treino. O que é completamente desnecessário, porque ainda não tive tempo de esquecer as críticas de ontem. Me confundi no *faceoff*, errei

passes sem motivo, perdi um gol fácil. Foi um daqueles treinos merdas em que tudo dá errado, e eu já tinha me comprometido a fazer melhor hoje.

Faltam só mais dois jogos da pós-temporada, o que significa que preciso estar no meu melhor. Tenho que me manter *focado*. A Northern Mass não vence o campeonato há quinze anos e, como o maior pontuador, estou determinado a conseguir essa vitória antes de me formar.

“Muito bem, vamos lá”, o treinador anuncia quando termina de nos dizer como somos péssimos. “Primeiro o jogo entre Rainier e Seattle da semana passada.”

Quando a imagem congelada de uma arena universitária aparece no telão, um dos nossos quatro alas esquerdas franze a testa. “Por que vamos começar com Rainier? Vamos jogar com North Dakota.”

“Depois focamos em North Dakota. É com a Rainier que estou preocupado.”

O treinador toca no laptop em cima da mesa e a imagem na telona descongela. O som da torcida ecoa pela sala.

“Se a gente pegar esses caras na final, temos que estar preparados para sofrer”, ele diz, sorrindo. “Quero que vejam esse goleiro. O garoto é atento como um falcão. Precisamos descobrir qual é a fraqueza dele.”

Presto atenção no jogo em andamento, me concentrando no goleiro com uniforme preto e laranja segurando o taco. Ele é bom. Seus olhos avaliam o jogo o tempo inteiro, sua luva se fecha quando ele para o disco vindo em sua direção. Ele é rápido. Está sempre alerta.

“Vejam como ele controla o rebote”, o treinador ordena quando o time adversário tenta outro gol. “Fluido. Sereno.”

Quanto mais vejo, mais desconfortável fico. Não consigo explicar. Não sei por que os pelos na minha nuca estão arrepiados. Mas algo no goleiro dispara meus instintos.

“Ele posiciona o corpo com perfeição.” O treinador parece pensativo, quase impressionado.

Também estou impressionado. Eu tinha parado de acompanhar os times da Costa Oeste. Estava ocupado demais concentrado nas equipes na nossa liga, estudando as gravações de seus jogos para encontrar um jeito de vencer. Mas, agora que estamos na pós-temporada, é hora de conhecer os times que podemos enfrentar se chegarmos à final.

Continuo vendo. Continuo estudando. Droga, gosto de como ele joga.
Não, eu *conheço* o jeito como ele joga.

Me dou conta no exato momento que o treinador diz: “O nome do garoto é...”.

James Canning.

“... James Canning. Está no último ano.”

Merda.

Puta merda.

Já não estou mais arrepiado, e sim tremendo. Eu sabia que Canning estudava na Rainier, mas na temporada passada estava na reserva, e no lugar dele entrou um novato que supostamente era impecável.

Quando ele voltou a ser titular? Não vou mentir — eu costumava stalkear o cara. Mas parei quando comecei a ficar meio obsessivo. Tipo, com certeza ele não queria saber nada da *minha* vida, não depois que eu fiz a idiotice de estragar nossa amizade.

A memória das minhas atitudes egoísticas é como um soco no estômago. Merda. Fui um péssimo amigo. Uma péssima pessoa. Era tão mais fácil lidar com a vergonha quando Canning estava a milhares de quilômetros de distância, mas agora...

Sinto o medo subir pela garganta. Vou ver o cara em Boston durante as semifinais. Provavelmente vou até jogar contra ele.

Já faz quase quatro anos que a gente não se fala. O que vou dizer para ele? Como você pede desculpa por cortar uma pessoa da sua vida sem nenhuma explicação?

“O jogo dele é perfeito”, o treinador diz.

Não, perfeito não. Ele recua rápido demais — isso sempre foi um problema, voltar à rede quando um jogador adversário se aproximava da zona ofensiva, dando a ele um ângulo melhor para o tiro. E confiava demais em suas defesas com o corpo, criando oportunidades de rebote para o ataque.

Tenho que morder os lábios para não dizer isso. Parece... errado, acho. Revelar as falhas de Canning aos meus colegas. Eu deveria fazer isso, imagino. É a porra do campeonato que está em jogo.

Mas faz anos que não entro no gelo com Canning. O jogo dele pode ter mudado de nível desde então. Talvez nem tenha mais esses pontos fracos.

Eu, por outro lado, tenho os mesmos pontos fracos de sempre. Continuam lá enquanto olho para o telão. Enquanto assisto a Jamie Canning parar outro tiro vertiginoso. Enquanto admiro a precisão graciosa e mortal com que se move.

Minha fraqueza é *ele*.

2

JAMIE

“Você tá bem mais quieto que o normal.” Os dedos de Holly descem pelas minhas costas, terminando sua jornada na minha bunda pelada. “Tá com a cabeça no campeonato?”

“É.” Não é *exatamente* mentira. Tenho certeza de que a viagem de sexta para Boston está na cabeça dos outros vinte e quatro jogadores esta manhã. E na de um zilhão de fãs.

Só que tenho mais do que a vitória em mente. Agora que estamos nas semifinais, é hora de encarar o fato de que podemos enfrentar Northern Mass, cuja estrela do time não é ninguém menos que Ryan Wesley, meu ex-melhor amigo.

“O que tá rolando, lindo?” Holly se apoia em um cotovelo e me estuda. Ela não costuma passar a noite comigo, mas ficamos transando até as quatro, e eu ia me sentir um babaca se a deixasse pegar um táxi àquela hora.

Não tenho certeza de como me sinto com ela aconchegada na cama ao meu lado. Apesar do sexo matinal espetacular de hoje, sua presença me deixa desconfortável. Nunca menti para Holly sobre o que somos — e o que não somos. Mas tenho experiência suficiente com garotas para saber que, quando elas concordam com uma amizade colorida, uma parte delas espera que eventualmente a coisa acabe em um namoro.

“Jamie?”

Deixo de lado esses pensamentos inquietantes e me concentro em outros. “Você já foi demitida por uma amiga?”, eu me ouço perguntar.

“Quê? Tipo... por um amigo que também era seu chefe?” Ela tem olhos azuis e grandes, que sempre me levam a sério.

Balanço a cabeça. “Não. O jogador principal da Northern Mass era

meu melhor amigo na escola. Sabe aquele acampamento de hóquei em que eu trabalhava no verão?”

“O Elites?”, ela pergunta.

“Isso, bem lembrado! Antes de ser técnico lá, eu costumava ir só pra curtir mesmo. Wes também. Ele era *maluco*.” Dou risada sozinho, só de lembrar a cara dele. “Ele topava qualquer coisa. Tem um tobogã no centro da cidade, e no inverno você pode escorregar por ele até um lago congelado. Mas no verão fica fechado, com uma cerca de quase quatro metros em volta. E ele veio, tipo: ‘Cara, depois que apagarem as luzes, vamos escalar aquele negócio’.”

Holly passa a mão macia no meu peito. “E vocês escalaram?”

“Claro. Eu tinha certeza de que a gente ia ser pego e expulso do acampamento. Mas ninguém descobriu. Mas só o Wes foi esperto o bastante pra levar uma toalha para escorregar. Fiquei com a parte de trás das coxas queimada de descer naquela porra.”

Holly sorri.

“E nem sei quantos turistas tiveram que apagar as fotos que haviam tirado do lago. Sempre que ele via alguém com uma câmera, baixava as calças.”

Ela dá uma risadinha. “Ele parece divertido.”

“E era. Até que deixou de ser.”

“O que aconteceu?”

Cruzo as mãos atrás da cabeça, tentando parecer casual apesar da onda de desconforto descendo pelas minhas costas. “Não sei. Sempre fomos competitivos. No último verão ele me desafiou...” Paro, porque nunca conto a Holly coisas de fato pessoais. “Nem sei o que aconteceu, na verdade. Ele só cortou o contato comigo depois daquilo. Parou de responder às minhas mensagens. Simplesmente... me demitiu.”

Ela beija meu pescoço. “E você ainda tá bravo...”

“Tô”, eu me surpreendo dizendo.

Se você me perguntasse ontem se tinha alguma coisa no meu passado que me incomodava, eu teria dito que não. Mas, agora que o imbecil do Ryan Wesley voltou à minha mente, estou nervoso de novo. Filho da mãe. Isso é a última coisa que eu precisava tendo os dois jogos mais difíceis da minha vida pela frente.

“E agora você vai jogar contra ele”, Holly comenta. “É muita pressão.” Ela está acariciando meu quadril agora. Imagino que tenha planos para nós dois envolvendo outro tipo de pressão. Está a fim de uma segunda rodada, mas não tenho tempo para isso.

Pego sua mão e dou um beijo nela. “Tenho que levantar. Foi mal, linda. Vamos ver um vídeo em vinte minutos.” Jogo as pernas para fora da cama e viro para dar uma olhada no corpo de Holly. Minha amiga colorida é sexy pra caralho, e meu pau dá até uma levantadinha, grato pela diversão que tivemos.

“Que pena”, Holly diz, virando de maneira convidativa. “Não tenho aula até a tarde.” Ela passa as mãos pela barriga até os peitos. Com os olhos colados em mim, brinca com os mamilos e lambe os lábios.

Meu pau não deixa de notar.

“Você é malvada e eu te odeio.” Pego a cueca no chão e desvio o olhar antes que fique duro de novo.

Ela ri. “Também não gosto muito de você.”

“Aham, tá bom. Continue dizendo isso pra você mesma.” Então fecho a boca. Seis semanas antes da formatura, não me parece nada esperar começar nem mesmo uma conversa de brincadeira sobre quanto gostamos um do outro. Não era para ser nada sério, mas ultimamente ela tem repetido que vai sentir minha falta quando o ano acabar.

De acordo com Holly, são só setenta quilômetros de Detroit, onde estarei no ano que vem, até Ann Arbor, onde ela vai estudar medicina. Se ela começar a falar em apartamentos para alugar no meio do caminho, não sei o que vou dizer.

É. Nem um pouco ansioso para essa conversa.

Sessenta segundos mais tarde, já estou vestido e indo para a porta. “Tudo bem se eu deixar você sozinha?”

“Claro.” Sua risada me impede de sair. “Não tão rápido, bonitão.”

Holly levanta para me dar um beijo, e eu me forcei a ficar parado um segundo e retribuir.

“Até mais”, sussurro. É minha despedida-padrão. Mas fico me perguntando se hoje ela não espera ouvir algo a mais.

Quando a porta fecha, minha cabeça já está em outro lugar. Jogo a mochila no ombro e saio para a manhã nevoenta de abril. Em cinco

dias vou estar na Costa Leste, ajudando meu time a ganhar o campeonato nacional. Cara, vai ser uma correria — sei porque já participei da rodada dos quatro melhores antes. Dois anos atrás, quando eu era o goleiro reserva.

Não joguei e não ganhamos. Gosto de pensar que as duas coisas estão relacionadas.

Dessa vez vai ser diferente. Vou estar na frente do gol, a última linha de defesa entre o ataque do time adversário e o troféu. É pressão o suficiente para fazer o goleiro mais tranquilo do esporte universitário pirar. Mas o fato de a estrela do outro time ser meu ex-melhor amigo que do nada parou de falar comigo é muito pior.

Encontro alguns colegas de time na calçada em frente ao rinque. Estão rindo das palhaçadas de alguém no ônibus ontem à noite, brincando e se empurrando enquanto atravessam as portas de vidro e entram no corredor iluminado.

A Rainier reformou totalmente o rinque há alguns anos. É como um templo do hóquei, com flâmulas dos campeonatos vencidos e fotografias do time nas paredes. E isso só na área aberta ao público. Paramos na frente de uma porta trancada, então Terry, um atacante do segundo ano, passa sua carteirinha no leitor. A luz vermelha fica verde e entramos na luxuosa área de treinamento.

Ainda estou de boca fechada, mas não sou falante que nem o resto do time, então ninguém estranha.

Na copa, pego um café e um muffin de blueberry. Esse lugar me faz sentir como um garoto mimado, mas vem bem a calhar quando acordo atrasado.

Dez minutos depois estou na sala de vídeo, assistindo a um jogo e ouvindo a análise do treinador Wallace. Ele está no palco, usando um microfone que garante que sua voz chegue até o fundo. Mas não o ouço. Estou ocupado demais vendo Ryan Wesley cruzar o gelo. Imagem após imagem, eu o vejo cruzar a linha de defesa como fumaça, criando oportunidades de gol com nada além de rapidez no gelo e no pensamento.

“É o segundo atacante do país. O garoto é corajoso”, o treinador admite de má vontade. “E é tão rápido que faz os adversários parecerem velhinhos de noventa e sete anos.”

Cada lance — um mais improvável que outro — balança a rede. Na metade do tempo, o Wes na tela nem tem a decência de parecer surpreenso. Ele só patina com a graça e a facilidade de quem praticamente nasceu com lâminas sob os pés.

“Como a gente, Northern Mass teria chegado às finais no ano passado se não tivesse lidado com lesões na pós-temporada”, diz o treinador. “É o time a ser batido...”

A filmagem é impressionante. A primeira vez que vi Wes patinar foi no verão depois do sétimo ano. Com treze, a gente já se achava foda só de estar no Elites, o acampamento de hóquei de primeira linha em Lake Placid, Nova York. Éramos os melhores de nossos times meia-boca, quem todo mundo queria derrotar nos joguinhos improvisados em lagos congelados.

Éramos ridículos.

Mas até o meu eu adolescente idiota já conseguia ver que Wes era diferente. Fiquei meio impressionado com ele no primeiro dia no Elites. Bom, pelo menos até descobrir o babaca convencido que ele era. Depois disso, fiquei com raiva dele, mas caímos no mesmo quarto, o que dificultou que eu continuasse a odiá-lo.

Por seis verões seguidos, as melhores partidas de hóquei que joguei foram contra aquele garoto de olhar afiado e pulso de aço. Passava os dias tentando acompanhar seus reflexos rápidos e seus tiros certeiros.

Quando o treino terminava, ele era um desafio ainda maior. Quer subir até o topo da parede de escalada? Wes topa. Precisa de um parceiro para ajudar a atacar a geladeira à noite? Wes é o cara.

A cidade de Lake Placid provavelmente ficava aliviada sempre que o acampamento acabava. Todo mundo podia finalmente voltar à vida normal, sem um Wes pelado toda manhã para seu ritual de mergulho diário.

Senhoras e senhores: Ryan Wesley.

O treinador se desloca na frente da sala enquanto Wes e seus companheiros fazem sua mágica na tela. Nunca me diverti tanto num rinque quanto com ele. Não que Wes nunca me irritasse. Acontecia o tempo inteiro. Mas olho para trás e constato com honestidade que seus desafios e provocações me tornaram um jogador melhor.

A não ser pelo último desafio. Que eu nunca deveria ter aceitado.

“Último dia”, ele disse, patinando de costas mais rápido que a maioria de nós conseguia patinar para a frente. “Você tem medo de me encarar em um tiro livre, né? Ainda está choramingando por causa da última vez.”

“Claro que não.” Eu não tinha medo de Wes. As pessoas costumavam ter. Mas era difícil defender um tiro livre, e eu já estava devendo uma caixa de cerveja para ele. O problema era que eu não tinha dinheiro. Me mandar para aquele acampamento caro era tudo o que meus pais podiam fazer para o mais novo de seis filhos. O dinheiro que eu ganhara cortando grama tinha sido gasto com sorvete e contrabando.

Se eu perdesse uma aposta, não teria como pagar.

Wes patinou em volta de mim tão rápido que me lembrou do Taz. “Mas não vamos apostar cerveja”, ele disse, lendo meus pensamentos. “Já estou com o estoque cheio graças à aposta que ganhei de Cooper ontem. Tem que ser outra coisa.” Ele deu uma risada maligna.

“Tipo o quê?” Conhecendo Wes, eu sabia que envolveria algum tipo de humilhação. *O perdedor canta o hino nacional enquanto mostra o pau na doca da cidade.* Algo do tipo.

Fiz uma fileira de discos e me preparei para atirar. O primeiro desviou de Wes quando ele passou como um borrão. Fui para o segundo.

“O perdedor paga um boquete pro outro”, ele disse, enquanto eu dava a tacada.

Errei a porrada do disco. De verdade.

Wes começou a rir e parou de patinar.

Porra, o cara sabia como foder com a minha cabeça. “Você é hilário.”

Ele ficou lá, ofegante, depois de ter patinado tão rápido. “Acha que vai perder? O prêmio não deveria fazer diferença se você estiver confiante.”

Comecei a suar de repente. Ele tinha me colocado numa posição difícil, e sabia disso. Se eu recusasse, ele ganhava. Se aceitasse, já tinha me deixado nervoso antes mesmo de o primeiro disco voar na minha direção.

Fiquei lá como um idiota, sem saber o que fazer. “Você e seus joguinhas psicológicos”, murmurei.

“Ah, Canning...” Wes riu. “Hóquei é noventa por cento mental. Já faz seis anos que estou tentando te ensinar isso.”

“Beleza”, eu disse entre dentes. “Vamos nessa.”

Wes comemorou por trás da máscara. “Você já parece assustado. Isso vai ser incrível.”

Ele só está mexendo com sua cabeça, eu disse a mim mesmo. Eu era capaz de defender um tiro livre. Eu viraria o jogo — mas recusaria o prêmio, claro. Então poderia jogar na cara dele o fato de que me devia uma chupada. Por anos. Era como se uma lâmpada tivesse se iluminado sobre a minha cabeça, digna de um desenho animado. Eu também podia jogar aquele jogo. Por que nunca tinha me dado conta daquilo?

Fui para o terceiro disco e o acertei com força para que passasse bem perto do sorriso arrogante de Wes. “Vai ser moleza”, eu disse. “Que tal eu acabar com você logo depois do almoço? Antes da última partida?”

Por um breve momento sua confiança pareceu abalada. Tenho certeza de que vi — um brilho repentino de *merda*. “Perfeito”, ele acabou dizendo.

“Tá.” Peguei o último disco do gelo. Então patinei para longe associando, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

Aquele foi o último dia da nossa amizade.

E eu nem imaginava.

Na tela, está passando um novo vídeo, com a estratégia de ataque de North Dakota. O treinador não está mais pensando em Ryan Wesley.

Mas eu estou.

3

WES

Boston surge na minha janela do ônibus bem antes que eu esteja pronto.

São só noventa minutos da Northern Mass para o TD Garden. As finais do campeonato são sempre disputadas em um rinque neutro, mas se alguém tem a vantagem de jogar em casa este ano sou eu. Nasci em Boston, então jogar na arena do Bruins é tipo um sonho de criança se tornando realidade.

Pelo visto, também é o sonho do babaca do meu pai. Não só ele se animou a convidar todos os amigos idiotas para o jogo como parece um verdadeiro herói sem precisar gastar tanto dinheiro. É só pagar por uma limusine, em vez de um jatinho particular.

“Sabe do que eu mais gosto nesse plano?”, Cassel pergunta da poltrona ao meu lado enquanto olha o itinerário que o gerente do time entregou.

“Que esse evento tem as animadoras de torcida mais gostosas?”

Ele ri. “Isso também. Mas o que eu ia dizer é que eles vão botar a gente em um hotel legal, e não num muquifo à beira da estrada.”

“Verdade.” Embora o hotel, qualquer que seja, não chegue aos pés da mansão da minha família em Beacon Hill, a alguns quilômetros de distância. Mas eu nunca diria isso. Não sou esnobe, porque sei que dinheiro não compra felicidade e cultura. Pode perguntar à minha família.

Passamos a próxima meia hora presos no trânsito, porque Boston é assim. São quase cinco horas quando estamos finalmente descendo do ônibus.

“O equipamento fica!”, o assistente grita. “Levem só as malas!”

“Não precisamos nem descer o equipamento?”, Cassel comenta. “Fala sério, agora sim. Vai se acostumando, Wes.” Ele me dá uma cotovelada.